

LUIS FERNANDO BENEDEZI

*Um corpo para ser possuído: representação das mulheres migrantes
na Itália contemporânea*

Na programação do canal «RAI Storia», na temporada 2020-2021 da rubrica «La grande storia», foi apresentado o episódio «Stupri di Guerra», no qual era analisada a transformação da função dos estupro de mulheres, a partir do século XX, nos contextos bélicos. Efetivamente, partindo do caso da Bélgica, que sofreu a violência das tropas alemãs na invasão de 1914, com um forte impacto nos meios de comunicação internacionais, sobretudo franceses, a transmissão conduziu o telespectador através das violações perpetradas nos Balcãs, na década de 1990, passando pelo terror trazido tanto pelos invasores quanto pelos libertadores durante a Segunda Guerra Mundial.

Nesse sentido, a historiadora italiana Silvia Salvatici, na referida transmissão, indicava como um novo significado era dado à prática do estupro de guerra, aquele que conectava indivíduo e comunidade nacional, a partir do século XIX. Com o advento do Estado Nação, a sua constituição era caracterizada por diversos elementos compartilhados, que forneciam um sentido de pertencimento; dentre eles, a ideia de uma homogeneidade étnica, de uma “consanguinidade”, era parte fundamental. O estupro, portanto, não é somente a pilhagem de guerra, mas assume uma conotação mais articulada e complexa: se ataca à homogeneidade do grupo étnico, à honra da comunidade nacional. Como afirma Salvatici, é uma comunicação entre homens a partir do corpo de mulheres.¹

1 RAI STORIA - Stupri di guerra del XX secolo, il significato. Youtube vídeo. Postado pela Fondazione San Giuseppe Calasanzio Portogruaro. Fevereiro, 2021, <https://www.youtube.com/watch?v=3Lp53Gc_nCs>, último acesso no dia 13 de julho de 2024.

De fato, Michele Strazza confirma essa nova perspectiva do estupro de guerra, analisando a passagem da sua função de pilhagem, como recompensa do grupo vencedor, àquela de uma estratégia ofensiva, constituindo-se uma arma utilizada contra a população civil, sempre mais parte integrante dos campos de batalha.² Na mesma linha, Anne Barstow, embora perceba o estupro de mulheres durante as guerras como um fenômeno que atravessa a história humana, associa o seu uso como recurso bélico estratégico a partir do século XX e, de particular modo, desde a Segunda Guerra Mundial.³ Para a historiadora americana, tal ação trazia consigo dois objetivos centrais: aterrorizar a população civil inimiga e desmoralizar as suas tropas. Esse quadro delineado reforça a ideia do estupro de guerra não como um ato de conotação primariamente sexual, mas como uma agressão que se expressa através do ato sexual.⁴

Diferentemente, mesmo mantendo a ideia de violência contra a nação, Strazza analisa também o uso da propaganda –no caso dos estupros de mulheres belgas perpetrados pelos alemães, em 1914– por parte dos estados aliados, como um instrumento para exaltar as tropas contra o inimigo, através do reforço do nacionalismo. Por um lado, tem-se o alemão invasor e estuprador, por outro, o estupro da Bélgica, ou seja, da nação, no meio estão colocados os soldados, que devem proteger a virtude nacional e, portanto, defender a honra da pátria.⁵

Ao mesmo tempo, o ato do estupro traz consigo uma segunda questão, no caso das invasões, a tomada de posse não somente da terra, mas da comunidade nacional. Portanto, o corpo das mulheres se sobre põe àquele da nação e possui-lo significa dar início a uma nova comunidade nacional, consolidando o processo de ocupação. Em ambos os casos, temos a representação de corpos masculinos ativos o estrangeiro que estupra e o compatriota que não consegue resguardar –a honra nacional– e de corpos femininos passivos, que sofrem a ação do violador.

2 Michele Strazza, *Fenomenologia dello stupro: evoluzione dei significati della violenza sessuale nelle guerre*, «Humanities. Rivista online di Storia, Geografia, Antropologia e Sociologia», 2017, vol. 6, n. 2, pp.101-

129.

3 Anne Barstow, *War's dirty secret: rape, prostitution, and other crimes against women*, Cleveland, Pilgrim Press, 2000.

4 Ruth Seifert, *War and Rape: Analytical Approaches*, Geneva, Women's International League for Peace and Freedom (WILPF), 1993.

5 Strazza, *Fenomenologia dello stupro*.

Enfim, Ruth Seifert apresenta uma outra perspectiva do estupro de guerra, ou seja, de destruição da cultura do adversário.⁶ Partindo da análise da situação de mulheres nas guerras civis de Moçambique e do Sri Lanka, a psiquiatra inglesa afirma que sempre mais o foco central das guerras se desloca dos militares para os civis e, nesse caso, as mulheres constituem um dos grupos mais representativos, junto às crianças e aos idosos. Considerando a posição sociocultural das mulheres e a sua importância na estrutura familiar, elas acabam se transformando no alvo principal, em uma ação tática que tem por objetivo a desconstrução cultural.

As caracterizações apresentadas acima são parte integrante do imaginário social sobre mulheres e homens nas sociedades nacionais do século XX, mas, contemporaneamente, colaboram na consolidação de representações de gênero: as mulheres como “sexo” frágil, vulnerável, e o homem como possível corruptor. Mesmo nas dinâmicas migratórias, quando se fala da necessidade de uma ação protetiva, de uma intervenção de socorro –no caso da Itália atual, no Mediterrâneo– tal medida vem associada a mulheres e crianças que precisam ser salvas. Diferentemente dos corpos masculinos, nos casos de naufrágio, são enfatizadas as mortes de mulheres, muitas vezes grávidas, e de recém-nascidos.

No caso da mulher migrante, a perspectiva de um corpo para ser possuído está vinculada ao homem da sociedade receptora. Mesmo não se realizando através de uma agressão sexual, portanto não se constituindo em um estupro em seu sentido físico, essa posseção do outro se transmuta em violência psicológica ou psicossocial, perpetrada também no corpo da mulher, ou no seu controle. De qualquer forma, consiste em uma tentativa de reescritura cultural, com a destruição dos sinais e símbolos relacionados à sociedade de origem, que poderiam ser fonte de contrastes na terra de chegada. Em outras palavras, levando em consideração a representação do feminino como vulnerável e passivo, percepção que foi sendo reforçada e ressemantizada no contexto das guerras do século passado, os homens da sociedade receptora devem funcionar como instrumentos de reprodução de códigos civilizatórios.

No dia 7 de outubro de 2019, o jornal «La Repubblica» divulgou matéria sobre mais um naufrágio próximo à ilha de Lampedusa, dando ênfase, desde o título, ao impacto sofrido por corpos femininos e infantis: «Migranti: naufragio nella notte a Lampedusa,

6 Seifert, *War and Rape*.

13 donne morte, un'altra è in coma. Tra i dispersi 8 bambini». Chamada a atenção do leitor, o primeiro parágrafo do texto continua fornecendo maiores detalhes sobre as perdas: uma das treze mulheres mortas estava grávida, uma outra tinha somente doze anos; entre os dispersos, encontrava-se uma mãe, com o seu bebê de 8 meses.⁷ A gazeta procura sensibilizar o leitor com aquilo que socialmente é considerado “frágil”, com corpos passivos que sofrem a ação de traficantes –identificados sempre com o masculino ativo– e precisam ser salvos. Muito embora os artigos falem de números totais e informem –às vezes– quais são as sociedades de proveniências, os homens são invisibilizados, porque não são entendidos como sujeitos que podem criar empatia no leitor ou sentimentos de compaixão.

Da mesma maneira, o jornal «Avvenire», em um artigo sobre diferentes naufrágios no mar Mediterrâneo, informa números totais, como as 76 pessoas salvas por Emergency na região entorno à Malta ou os 382 migrantes que chegaram em treze embarcações recentemente à Lampedusa. No entanto, somente quando se fala em mulheres e crianças se faz um processo de individuação por gênero e idade, seja de sobreviventes que de mortos. Nesse sentido, por exemplo, o periódico destaca o caso de sete mulheres e 24 menores, dos quais doze não acompanhados, que foram desembarcados em Nápoles, assim como aquele de um grupo de 51 migrantes, dentre os quais sete do gênero feminino e duas crianças, que foram salvos por uma embarcação da capitania dos portos italiana, que estavam em um barquinho sem motor, à deriva.⁸

Diferentemente, se os corpos masculinos são invisibilizados em situações de travessia, naufrágio, salvamento, no cotidiano da sociedade italiana são eles que representam a imigração indesejada, o perigo da invasão, da delinquência, da perda do controle social, e estão presentes nos noticiários e nos textos dos jornais. Além disso, percebe-se uma ênfase maior nos crimes perpetrados pelos imigrantes do que aqueles cometidos por italianos.⁹ Aliás, as matérias jornalísticas que tratam da questão migratória na Itália pouco espaço dão às políticas públicas, por exemplo, ou às experiências positivas

7 «La Repubblica», 07 de outubro de 2019, último acesso no dia 13 de agosto de 2023, <https://www.repubblica.it/cronaca/2019/10/07/news/migranti_naufragio_nella_notte_a_lampedusa_recuperati_due_cadaveri-237874064/>

8 *L'odissea dei migranti: altri naufragi e morti nel Mediterraneo e nella Manica*, «Avvenire», 12 de agosto de 2023, último acesso no dia 13 de agosto de 2023, <<https://www.avvenire.it/attualita/pagine/altri-naufragi-dalla-tunisia-alla-manica>>

9 Ernesto Calvanese, *Media e immigrazione tra stereotipi e pregiudizi. La rappresentazione dello straniero nel racconto giornalistico*, Milano, Franco Angeli, 2011.

dos sujeitos migrantes, na maioria dos casos trata-se de conteúdo relacionado à criminalidade.

Nesse sentido, um jornal italiano de direita, «Il Giornale» publicava, no mês de junho de 2022, um artigo com um título muito emblemático: «Stupri, risse, reati “culturali”: l’immigrazione criminale che spaventa l’Italia». Muito embora a manchete fale de imigração sem uma conotação de gênero, o conteúdo do texto é muito claro, com a parte ativa da criminalidade atribuída a migrantes homens. Em um cenário tenebroso que marca o início da narração, ao sujeito migrante são associadas mulheres e meninas molestadas ou violentadas, policiais que sofrem violência física, com socos ou armas brancas, e meninas do próprio grupo assassinadas por não respeitarem as tradições do país de proveniência da família.¹⁰

Sem querer fazer uma análise do objeto político do jornal, que constrói uma crítica ao fenômeno migratório e à falta de ações de controle por parte do governo de então, porque não faz parte do objetivo deste texto, é importante simplesmente notar a proveniência das vítimas (todas mulheres – violentadas, molestadas ou com tentativas não concretizadas de estupro), italianas ou, em um caso, ítalo-sul-americana. Diferentemente, os delinquentes são imigrantes –egípcios, marroquinos, ou indefinidos, mas “extracomunitários”–, com exceção de um caso, no qual um italiano serve como olheiro durante uma tentativa de estupro. Nesse último caso, além de não haver uma ação violenta direta por parte do cidadão nacional, o periódico ainda apresenta um atenuante, ou um elemento que justifica essa atitude por parte de um sujeito que imaginariamente deveria ser “civilizado”: ele tinha problemas de dependência química.

O conceito de “barbarização” da sociedade italiana pelo sujeito migrante, entendido especialmente como aquele de sexo masculino, não é algo novo, pelo contrário, poder-se-ia dizer que, desde os anos 1990, transformou-se em um *evergreen*. Já naquele período, depois de uma festejada acolhida de albaneses que fugiam da ditadura comunista, especialmente nas chegadas de 1991, na região da Apúlia, no sul da Itália,¹¹ o aumento do fluxo gerou um impacto de negativização destes sujeitos, que passaram a ser vistos como os novos bárbaros que poderiam destruir a nação. Observa-se a construção progressiva

10 «Il Giornale», 17 de junho de 2022, último acesso no dia 16 de agosto de 2023, <<https://www.ilgiornale.it/news/cronache/immigrazione-criminale-i-reati-compagine-straniera-2041566.html>>

11 Corrado Bonifazi, *L’immigrazione straniera in Italia*, Bologna, il Mulino, 2007.

de uma ideia de invasão, que se associava aos desembarques descontrolados de pessoas proveniente da Albânia, cujo governo, segundo o imaginário que começa a se difundir, teria inclusive aberto as portas das prisões para enviar criminosos para a Itália. Os medos coletivos, forjados em séculos de invasões, desde o império romano, eram ativados neste temor com relação aos indivíduos que chegam à costa italiana. Tal representação continuará viva desde o início do século XXI e vai ser constantemente evocada nos meios de comunicação, nos discursos políticos, nas narrativas do homem comum.

Já em 2016, a gazeta «Il Giornale» destacava a presença dos bárbaros extracomunitários na península, a partir de uma matéria sobre os trens regionais que conectavam Cremona e Mântua. Os sujeitos ativos são rapazes imigrantes e, embora sejam relatadas também ações contra jovens italianos do sexo masculino, as testemunhas escolhidas pelo jornal são mulheres, tanto passageiras quanto uma agente ferroviária responsável pelo controle do pagamento das passagens. O medo e a insegurança são as palavras-chave das narrativas, que falam de sujeitos prepotentes, sem respeito algum nem pelas pessoas nem pelo decoro do meio de transporte. De acordo com as falas apresentadas, além de não pagarem a passagem, se colocam no último vagão, que se transforma em um espaço privatizado, onde comem, deixando os restos sobre as poltronas, burlam e perturbam os outros passageiros, e pretendem a aceitação: é apresentado um clima de forte impunidade, tormento e opressão dos cidadãos italianos.¹²

De qualquer forma, não se encontram sinais desse perigo do extracomunitário para a sociedade, dos homens imigrantes, somente no jornal de direita acima citado, esta é uma imagem muito presente nos periódicos italianos, de modo transversal. As manchetes falam de imigrantes, sempre com uma marca de gênero, masculino, que não pagam passagem e ainda insultam os fiscais, que destroem vagões por terem sido acordados, que não aceitam colocar a máscara, obrigatória no período da covid, e agridem os fiscais, ameaçando-os com facas, que, inclusive, transformam o trem em um faroeste, mordendo fiscais e molestando mulheres, tocando suas partes íntimas.

Na verdade, não são relatados somente casos de ações contra a sociedade receptora, pois a violência do homem imigrante se mani-

12 *Il viaggio sui treni del terrore dove comandano gli immigrati*, «Il Giornale», 8 de dezembro de 2016, último acesso no dia 17 de agosto de 2023, <<https://www.ilgiornale.it/news/cronache/viaggio-sui-treni-terrore-dove-comandano-immigrati-1340216.html>>

feita também contra as mulheres de seu próprio grupo, seja através do abuso sexual seja através daquilo que o jornal chama de “crimes culturais”. Nesse sentido, é lembrado o caso de Saman, jovem originária do Paquistão, que foi assassinada pelos parentes homens –pai, tio, primos– pelo crime de estar desonrando a família, não aceitando o casamento já organizado pelos pais. De fato, enfatiza-se a ideia de uma conflitualidade entre a cultura de origem e o sistema de valores do país receptor¹³, que pode gerar problemas de insegurança, desajuste, transtorno psíquico; no entanto, os casos relatados são de mulheres imigrantes impedidas de se “integrarem” pela ação de compatriotas homens, na maioria das vezes familiares.¹⁴

Ao fim e ao cabo, o que se tem é a construção de um forte imaginário sobre os sujeitos migrantes, marcado pelo gênero e fundado nas projeções históricas das relações de gênero nas sociedades receptoras. Nesse sentido, a parte inicial do presente artigo é importante para dar significado aos papéis de homens e mulheres dentro do contexto italiano e europeu, a partir da leitura dos estupros de guerra, quando se observa a representação do estrangeiro do sexo masculino como negativamente ativo, indivíduo que destrói a pureza da nação, e o sexo feminino como passivo, aquele sujeito que pode ser plasmado. Assim como as mulheres autóctones podem ser sujeitas a ação do não-nacional, que disgrega a unidade étnico-cultural do grupo, aquelas migrantes podem ser plasmadas na terra de chegada e podem ser “integradas” às comunidades que as acolhem, constituindo um corpo que pode ser possuído e não um sujeito agressor à honra pátria.

Portanto, o papel das mulheres em geral e, especificamente, daquela migrante, é visto como positivo na sociedade receptora e é essencial a representação que se constrói sobre elas enquanto sujeitos assimiláveis, que se integram com facilidade nas comunidades

13 O jornal «Il resto del Carlino» afirma que Saman se sentia totalmente italiana e, por isso, pretendia viver a vida e o amor que ela tivesse escolhido. Indica como motivação do homicídio, de acordo com a documentação processual, o fato de não aceitar o casamento combinado com um primo no Paquistão, o desejo de levar adiante o seu amor por um outro jovem compatriota, não aceito pela família, e a decisão de viver diferentemente do que prescrevem as culturas muçulmana e paquistanesa. *Chi era Saman Abbas: la storia della giovane uccisa dalla sua famiglia*, «Il resto del Carlino», 26 de março de 2024, último acesso no dia 12 de julho de 2024, <<https://www.ilrestodelcarlino.it/reggio-emilia/cronaca/saman-abbas-storia-w1t1r9av>>

14 *Stupri, risse, reati “culturali”*: *l’immigrazione criminale che spaventa l’Italia*, «Il Giornale», 17 de junho de 2022, último acesso no dia 16 de agosto de 2023, <<https://www.ilgiornale.it/news/cronache/immigrazione-criminale-i-reati-com-pagine-straniera-2041566.html>>

nacionais, diferentemente dos homens. Considerando que os migrantes não são efetivamente sujeitos passivos, mas, pelo contrário, agenciam suas performances nas suas novas comunidades, as mulheres incorporam as características a elas associadas para transformar suas posições na realidade presente. Assim, encontram no processo de integração o modo para garantir maior aceitação e uma vida melhor, porque em sintonia com as expectativas do lugar que as acolhe.

De uma certa forma, o corpo para ser possuído é aquele da mulher migrante, não por parte de um invasor, mas do sujeito nacional. Esse ato de possuir, essa agressão, não acontece através da violência carnal, consumada em um ato sexual; diferentemente, se materializa em uma ação subjetiva, todavia com o mesmo objetivo de aniquilar elementos de outras referências étnico-culturais, que poderiam entrar em conflito com a sociedade receptora. Ou seja, mantendo o conceito reforçado nas dinâmicas bélicas do século XX, do feminino vulnerável, passivo, que deve ser protegido, os homens nacionais – poder-se-ia dizer também os “homens brancos” – irão proteger essas imigrantes dos elementos destrutivos de suas culturas e dos homens migrantes – os invasores – gerando nelas a civilização.

A diferenciação de gênero no mercado de trabalho é um fator importante para compreender concretamente o desenvolvimento dessa relação entre as mulheres migrantes e as sociedades receptoras. Efetivamente, no que tange ao espaço ocupado pelas imigrantes no mercado de trabalho – sobretudo levando em conta a comunidade brasileira, que constitui o estudo de caso do presente artigo – percebe-se a precariedade, a informalidade e atribuições historicamente associadas ao feminino, como extensão das funções sociais das mulheres como mães e esposas, no âmbito do cuidado das pessoas. Como identificam diferentes estudos, as imigrantes se colocam em um lugar marcado por classe, raça, mas, sobretudo, pelo gênero, enquanto cuidadoras e babás, trabalhadoras domésticas ou no mercado do sexo, além de manicures; inúmeras vezes não contratualizadas.¹⁵ Como se nota, são necessárias e funcionais, especialmente se percebidas como incapazes de produzir desagregação sobre aquilo

15 Sobre a questão, leia-se Gláucia de Oliveira Assis e Sueli Siqueira, *Entre o Brasil e os Estados Unidos: as representações de gênero na novela América*, in Cristiani Bereta, Gláucia de Oliveira Assis e Rosana Kamita (org.), *Gênero em movimento: novos olhares, muitos lugares*, Florianópolis, Editora Mulheres, 2007, pp.167-184; Beatriz Padilla, *A Imigrante Brasileira em Portugal: Considerando o Gênero na Análise*, in Jorge Malheiros (org.), *A Imigração Brasileira em Portugal*, Lisboa, ACIDI, 2007, pp 113-134; Adriana Piscitelli, *Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras*, «Sociedade e Cultura», 2008, vol. 11, n. 2, pp. 263-274.

que se entende como características intrínsecas da nação, colocando-se a serviço da comunidade, para proporcionar cuidados.

Todavia, antes de entrar no caso específico de estudo, torna-se de fundamental importância apresentar, mesmo que rapidamente, o que se entende por integração, a sua relevância e sua força de anulamento da alteridade, considerado que as mulheres migrantes são identificadas como assimiláveis, de mais fácil integração, poque dóceis, enquanto representantes do gênero feminino. No que tange ao significado do vocábulo, ele traz consigo tanto uma aceção de completamento quanto de apagamento: por um lado, é necessário corrigir algo que falta, por outro, denota o anulamento da diferença.¹⁶ Desprovido daqueles que são os valores míticos da comunidade imaginária¹⁷ nacional, o imigrante precisa ser corrigido em seus defeitos com relação à identidade do país que o acolhe: este indivíduo que chega imperfeito, deve ser aperfeiçoado. Gera temor e preocupação a capacidade subversiva destes indivíduos, a possibilidade que estes venham a comprometer o tecido social: a sua diferença deve ser apagada para que ele possa ser aceito/integrado. Na realidade, o fato de manter um vínculo com a cultura da terra de origem se transforma em um problema e a única contribuição aceita com relação a esse sujeito é a eliminação da sua vida anterior.

Entra em jogo aquilo que Vincenzo Romania chama de “mimetismo social”, que constitui um «processo instrumental e situacional de ocultamento das próprias peculiaridades culturais, patrimônio que ainda assim sobrevive na esfera íntima».¹⁸ Para o sociólogo, o sujeito migrante busca obter vantagens práticas e uma posição privilegiada no espaço público, não acontecendo efetivamente uma total conformação no que tange à comunidade que o recebe. Observa-se, portanto, que a identidade é agenciada a partir de decisões racionais: é realizado um cálculo sobre os custos e benefícios no processo de negociação de facetas da própria identidade. A questão central e problemática desta situação reside no fato de alguns casos irem além da dimensão pública e produzirem a transformação em comportamentos e hábitos, mesmo no uso da língua de origem, relacionados

16 Luís Fernando Beneduzi, *Fear, intolerance, resignation: some readings on contemporary immigration in Italy*, «Tempo e Argumento», Special issue, 2021. <<https://doi.org/10.5965/21751803ne2021e0103>>

17 Benedict Anderson, *Comunità immaginate. Origini e fortuna dei nazionalismi*, Roma, Laterza, 2018.

18 Vincenzo Romania, *Farsi passare per italiani. Strategie di mimetismo sociale*, Roma, Carocci, 2006, p. 8.

à esfera privada. O desejo de reconhecimento e aceitação superam a perspectiva do agenciamento racional da performance no espaço público, conduzindo a mudanças culturais que marcam a vida familiar e a própria autorrepresentação de si: a morte do indivíduo anterior à experiência migratória torna-se condição para o processo de integração.

Nesse sentido, o caso da imigrante brasileira Helena (pseudônimo usado pelo pesquisador) acaba sendo emblemático para analisar o processo de integração das mulheres migrantes na sociedade italiana, considerando a imagem associada ao gênero feminino, de um corpo para ser possuído, um sujeito vulnerável, a ser plasmado, inclusive através da violência, de acordo com os cânones civilizatórios nacionais.

Helena chega à Itália, mais especificamente à Toscana, em 1986, depois de uma breve permanência em Portugal, deixando para trás o Brasil da hiperinflação e da crise econômica. Desembarca em uma realidade social pouco acostumada com o fenômeno migratório, levando em consideração que até meados dos anos 90 a Península Itálica não viveu grandes fluxos de chegada de migrantes.¹⁹

Por muitas semanas, viveu em Florença, em uma espécie de relação de escambo: colaborava com as lides domésticas em uma casa, em troca de hospitalidade. Dizia sentir-se completamente livre em seu trabalho informal, na clandestinidade e invisibilidade, pois não tinha documento algum ou conta em banco, não existia, como reforça com alegria na entrevista. Diferentemente da experiência na terra de partida, na qual Helena era professora de Educação Artística no então “Segundo grau” brasileiro (hoje Ensino Médio), e tinha que resolver os problemas burocráticos e financeiros no cotidiano, na nova realidade, a não existência para o Estado era, para ela, um privilégio.

Passando a viver com o seu professor de yoga, que ela tinha conhecido durante seus primeiros momentos na cidade de Florença, muda-se para o interior e começa a trabalhar como voluntária, especialmente no âmbito do cuidado de pessoas, em um primeiro momento, e, depois, de animais. A partir dessa experiência, vai nascer o seu “hotel para cães e gatos”, que Helena cria em uma propriedade rural, onde cuida também de uma horta e de oliveiras, condição para ter o imposto da propriedade reduzido. Portanto, dois elementos acompanham sua trajetória: a dedicação ao trabalho social, útil

19 Luca Einaudi, *Le politiche dell'immigrazione in Italia dall'Unità ad oggi*, Roma, Laterza, 2007.

para a sociedade receptora, e a perspectiva da invisibilidade, em um primeiro momento através da situação de não-documentada e, em seguida, pelo deslocamento para fora do espaço urbano.

Romper com a negatividade que está associada ao sujeito migrante na Itália de finais do século XX e começo do XXI pode significar agenciar a identidade de gênero e, ao mesmo tempo, incorporar a representação de um indivíduo que pode ser plasmado com facilidade. Nesse sentido, a invisibilidade, relacionada com o processo de integração, compreendido como anulamento de si mesmo, constitui uma estratégia para a realização de um projeto de uma vida melhor. Na entrevista de Helena, pode ser percebida muito fortemente a dinâmica de abandono da vida anterior à experiência migratória e o mergulho total no papel que ela é chamada a desempenhar no contexto de sua nova comunidade. De fato, mesmo identificando a experiência em uma perspectiva positiva, Helena incorpora na sua totalidade o discurso sobre a integração:

Una cosa che non mi è mai piaciuta, è frequentare e fare ghetto. Non mi sembra giusto stare in un posto e ghettizzarsi, cioè, gli stranieri o i brasiliani. [...] Le persone che si “ghettizzano” propongono un’idea negativa, cioè, non mi piacciono queste cose che vivo qui, però, devo rimanere qui, in questo, e fare queste cose.²⁰

Como propõe a sociedade receptora, também a imigrante brasileira não percebe a preservação da diferença e a conservação da tradição da terra de proveniência como fundamentais no processo de enraizamento em uma nova sociedade e cultura. Pelo contrário, na sua opinião, é um erro a ideia de formar grupos com os compatriotas, que viveram experiências de expatriação semelhantes à sua. Esse tipo de atitude, para ela, produz *ghettizzazione*, quer dizer, contribui para a construção de guetos, de espaços sociais fechados e ensimesmados. Esses *enclosures*, então, acabam negativamente se transformando em lugares de “desabafo”, servindo para compartilhar críticas às interações, ao comportamento, à realidade do novo contexto em que estão vivendo. Tal condição pode se transformar em um entrave para o processo de integração, da atitude de deixar-se possuir pela nova cultura de “adoção”.

Pelo contrário, Helena fala de um cotidiano muito positivo nas interações vividas desde os primeiros passos nas cidades em que

20 Helena, *Entrevista realizada pelo autor em San Giovanni Valdarno*, dia 16 de novembro de 2004.

“desembarcou”, na Península Itálica. Faz menção, dessa forma, às estratégias que ela utilizou para ser aceita, passando a fazer parte de cada uma das comunidades nas quais viveu:

Rimanendo più tempo a San Giovanni, ho cominciato a viverla, Cioè, ad andare un po' in città, a cercare le persone, a cercare cose per inserirmi e una di queste cose che ho fatto è stato il lavoro volontario: il lavoro volontario per l'assistenza alle persone in ospedale. Dopo, il lavoro volontario presso associazioni di protezione degli animali – all'inizio raccoglievo i gattini abbandonati per le strade, che erano portati all'associazione.²¹

Pode-se perceber como a busca por reconhecimento e aceitação estão na base das atividades desenvolvidas junto às instituições e associações da cidade em que vivia, que significou –ao mesmo tempo– um progressivo abandono daquela Helena que existia antes da imigração. Portanto, para a imigrante brasileira, o fim último de seu projeto de inserção comunitária, na verdade marcado pela tentativa de integração, é o apagamento daquele seu “eu” brasileiro, de suas experiências e lembranças do Rio Grande do Sul (estado de onde provinha), elementos que entende como um impedimento para viver melhor o ambiente no qual se encontra hoje:

Ho cercato di vivere le cose di questo spazio, di questo ambiente, di questa cultura. Ho strappato da me, mentalmente, la mia vita di prima. [...] C'è una ricchezza di vissuti diversi che non mi fanno pensare a quello che una volta ho vissuto.²²

Ainda que apresente um quadro positivo de abertura em direção ao outro, inclusive com uma ênfase narrativa na diversidade e riqueza das experiências atuais, o fato de “arrancar sua vida anterior” indica –diferentemente– uma necessidade de anular-se para poder fazer parte de uma nova comunidade. No caso de Helena, como se denota da escolha da língua italiana para a realização da entrevista, a integração está sendo tão profunda, que a está levando a perder progressivamente a língua materna e a adquirir aquela da terra de chegada, com as inflexões, sotaque e os termos locais. Essa busca de apagamento da vida passada –considerando a questão da língua– é ainda mais emblemática levando-se em conta que a entrevistada

21 *Ibidem.*

22 *Ibidem.*

emigrou em idade adulta, tinha instrução superior e lecionava no ensino médio público, no sul do Brasil.

A necessidade de incorporar a representação de sujeito fácil de plasmar, de integrar, associada às imigrantes mulheres, é ainda mais evidente na fala da brasileira quando ela afirma que abandona os seus interesses –na esfera pública, mesmo continuando a existir e tomar o seu tempo naquela privada– para viver com os outros somente aqueles que são os interesses deles:

I miei interessi sono ancora i miei interessi, ma individuali, non li condivido con gli altri. Con gli altri io condivido i loro interessi. Certamente, porto con me il mio bagaglio, con tutti i miei interessi ecc, ecc, ma cerco di vivere quelli altri.²³

Seguindo a lógica de que a mudança na percepção dos estupro de guerra está relacionada à percepção de gênero no Estado-Nação moderno e que a luta contra eles não se refere à honra das mulheres, mas à preservação da homogeneidade nacional, pode-se afirmar que o fenômeno migratório é identificado como uma possível defloração, quando associado a migrantes homens, porque desestabilizador da integridade da comunidade receptora, no caso específico, aquela italiana. Diferentemente, a representação do feminino, considerado sujeito passivo e dúctil, permite uma outra leitura, considerando que as mulheres serão mais facilmente integradas, não perturbando a homogeneidade nacional, mas, pelo contrário, passado a fazer parte dela. A *agency* migrante leva a construir uma imagem de si que possa se sobrepor às expectativas da sociedade da terra de chegada, levando muitas vezes a um efetivo anulamento pessoal, fundamental para a integração.

Mesmo levando em consideração a diferença entre a violência física (além de psíquica) do estupro e as formas de assujeitamento feminino nas sociedades receptoras, como o caso de Helena, o presente artigo buscou enfatizar como essa associação das mulheres à corporificação da nação reforçou uma política de controle masculino. Ao mesmo tempo, as noções de fragilidade e vulnerabilidade, que são atribuídas ao feminino, colaboram com a construção da imagem de um sujeito que pode ser facilmente plasmado pela ação do homem, agente civilizador, ou, também, do Estado.

23 *Ibidem.*

Abstract: Nel contesto delle due guerre mondiali, si è sviluppata una nuova concezione dello stupro di guerra, ovvero il suo utilizzo come strumento per rompere l'omogeneità del gruppo etnico, della nazione. Infatti, è stato utilizzato come risorsa strategica bellica per attaccare l'avversario, decostruendo l'unità della comunità nazionale colpita. Questo rapporto di assoggettamento nazionale attraverso il corpo femminile si può osservare anche nelle narrazioni contemporanee sui soggetti migranti nell'Italia di oggi. Mentre i migranti uomini rappresentano un pericolo per la società di accoglienza, le donne sono percepite come individui fragili e vulnerabili che possono subire un'azione civilizzatrice, cioè un assoggettamento nei confronti del maschile, nella terra in cui "sbarcano". L'obiettivo di questo articolo è analizzare come questa identificazione tra il femminile e la nazione sia stata costruita nel XX secolo e come sia stata applicata alle donne migranti, identificate come persone facilmente plasmabili perché docili all'azione civilizzatrice.

No contexto das duas guerras mundiais, observou-se o aprofundamento de uma nova concepção do estupro de guerra, ou seja, a sua utilização como um instrumento de ruptura da homogeneidade do grupo étnico, da nação. De fato, passa-se ao seu uso como recurso bélico estratégico, para atacar o adversário, desconstruindo a unidade da comunidade nacional atingida. Essa relação de assujeitamento nacional, através do corpo feminino, pode ser observado também nas narrativas contemporânea sobre os sujeitos migrantes na Itália atual. Enquanto os homens migrantes representam um perigo para a sociedade receptora, as mulheres são percebidas como indivíduos frágeis e vulneráveis que podem sofrer a ação civilizatória, ou seja, o assujeitamento masculino, na terra em que "desembarcam". O objetivo do presente artigo é analisar como vai se construindo essa identificação entre feminino e nação no século XX e como foram aplicadas em relação às mulheres migrantes, em que modo elas são identificadas como pessoas facilmente plasmáveis, porque dóceis à ação civilizatória.

In the context of the two world wars, a new conception of war rape developed, namely its use as a tool to break the homogeneity of the ethnic group, of the nation. In fact, it was used as a strategic warfare resource to attack the adversary, deconstructing the unity of the affected national community. This relationship of national subjugation through the female body can also be observed in contemporary narratives about migrant subjects in today's Italy. While male migrants represent a danger to the host society, women are perceived as fragile and vulnerable individuals who may be subjected to civilizing, that is, male subjugation, in the country where they "disembark." The aim of this article is to analyze how this identification between the feminine and the nation was constructed in the 20th century and how it was applied to migrant women, who are identified as easily moldable because they are docile to civilizing action.

Keywords: immigrazione contemporanea, genere, nazione, immaginario, donne; imigração contemporânea, gênero, nação, imaginário, mulheres; contemporary immigration, gender, nation, imaginary, women.

Biodata: Luis Fernando Beneduzi è Professore Ordinario di *Storia e Istituzioni delle Americhe* presso l'Università Ca' Foscari Venezia e componente del collegio docenti del dottorato in Studi storici, geografici, e antropologici delle Università di Venezia e Padova. Fa parte del progetto Jean Monnet "The reconfiguration of the EU presence in Latin America - LAC" (www.euinlac.eu/), finanziato dall'Unione Europea. È stato professore in visita in diverse università europee e latino-americane, facendo ricerche su questioni inerenti al fenomeno migratorio,

alle relazioni tra Europa e America Latina, alla formazione dello Stato nazionale in America Latina.

Luis Fernando Beneduzi é Professor Catedrático de “História e Instituições das Américas” junto à Universidade Ca’ Foscari Veneza e membro do Colégio didático do Doutorado em “Estudos Históricos, Geográficos e Antropológicos”, das Universidades de Veneza e Pádua. É integrante do projeto Jean Monnet “The reconfiguration of the EU presence in Latin America, EUinLAC” (www.euinlac.eu/), financiado pela União Europeia. Foi Professor Visitante em diferentes universidades europeias e latino-americanas, trabalhando questões inerentes ao fenômeno migratório, às relações entre Europa e América Latina, à formação do Estado Nacional latino-americano (luis.beneduzi@unive.it).

Luis Fernando Beneduzi is Professor of *History and Institutions of the Americas* at Ca’ Foscari University of Venice and a member of the teaching board of the doctorate in Historical, Geographical and Anthropological Studies at the Universities of Venice and Padua. He is part of the Jean Monnet project ‘The reconfiguration of the EU presence in Latin America -EUinLAC’ (www.euinlac.eu/), funded by the European Union. He has been a visiting professor at several European and Latin American universities, researching issues related to migration, relations between Europe and Latin America, and nation-state formation in Latin America (luis.beneduzi@unive.it).